

# Protesto de 500 anos

## Índios vão fazer uma longa marcha contra a 'invasão'

RENATA GIRALDI

BRASÍLIA – As comemorações dos 500 Anos de Descoberta do Brasil vão esbarrar em um grupo de opositores que deve reunir cerca de 4.000 pessoas. São índios vindos de várias regiões do país que pretendem fazer manifestações nas principais capitais e um grande ato de protesto a 20 quilômetros de Porto Seguro (no sul da Bahia), no dia 22, onde o presidente Fernando Henrique Cardoso estará reunido com várias autoridades brasileiras e estrangeiras. Oficialmente a chamada "Marcha Indígena" conta com apoio de 150 organismos ligados à causa.

Os índios que representam 200 etnias querem que o aniversário da Descoberta de 500 Anos do Brasil seja marcado por uma série de

reivindicações por uma nova política indigenista no país. Eles reclamam das terras ainda não-demarcadas, das dificuldades referentes às políticas públicas, especialmente para os setores de educação e de saúde, além da necessidade de acelerar a proposta de criação do Estatuto dos Índios –parada há oito anos no Congresso.

**Funai** – A assessoria do presidente da Funai, Carlos Frederico Marés, informou que o órgão não participa do movimento nem o apóia. Mas em reuniões com líderes indígenas, ele comentou que pretende estar, no dia 22, no mesmo local onde deverão se reunir os índios. Marés não critica o ato e repete a seguinte frase, que pode ser interpretada como sendo favorável ao manifesto: "O relógio indígena não tem relação com o relógio dos 500 anos".

Para os indígenas, a palavra "descoberta" é substituída por "invasão", assim como para alguns historiadores e antropólogos. A interpretação é que motivou a organização do manifesto e dos atos de protesto que devem ocorrer em todo país, especialmente na data oficial de 22 de abril.

Ontem à tarde saiu o primeiro grupo de índios, do município de Benjamim Constant (a 1.200 km de Manaus) em direção a Brasília e depois, Porto Seguro. A idéia é reunir todos os manifestantes, na capital no dia 13 de abril, quando representantes das caravanas pretendem manter encontros com o presidente Fernando Henrique e com integrantes da Comissão de Direitos Humanos da Câmara. A maior parte do percurso vai ser feita em viagens de barco ou de ônibus. A pé, apenas as distâncias menores.